

A RUA COMO GANHA PÃO produção e resistências no espaço urbano

Bianca Ramires Soares¹
Marina Mecabô²



The Breadwinner (Original).
Dirigido por Nora Twomey.
94 min.

O roteiro da animação *A Ganha-Pão* leva o espectador para dentro do regime fundamentalista islâmico que desde 1995 impõe à população restrições radicais e punições severas. Para as mulheres submetidas a esse regime a condição mostra-se significativamente mais violenta. O filme se passa em 2001, logo após o decreto de uma nova proibição que restringe a rua ao uso dos homens e ao trânsito de mulheres acompanhadas por eles.

Esta resenha busca traçar paralelos entre as condições que estão submetidas as mulheres retratadas na animação e a opressão continuada das mulheres brasileiras. A costura das duas realidades será feita através da obra da pensadora feminista brasileira Heleieth Saffioti intitulada *A Mulher na Sociedade de Classes* (1976).

O filme inicia com o pai de Parvana contando uma história sobre as belezas de seu povo antes da guerra e da dominação pelo Talibã. Narra um tempo de paz, onde as crianças brincavam na rua e as mulheres iam à Universidade. A transmissão de conhecimento por narrativas orais é um traço cultural que acompanha o desenvolvimento da

¹ Aluna Especial no Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pelotas, Arquiteta e Urbanista pela Universidade Federal de Pelotas - FAUrb/UFPel. ramiresbianca@gmail.com

² Mestranda pelo Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pelotas, Arquiteta e Urbanista pela Universidade Federal de Pelotas - FAUrb/UFPel com graduação sanduíche em Engenharia edile na Università di Pisa marinamecabo@gmail.com

animação. O pai de Parvana faz questão de relatar os movimentos históricos que determinaram as condições específicas da vida de seu povo. Segundo Saffioti (1976), essa transmissão constitui também um dado da situação que gera uma força extraordinária formadora da consciência social. Assim, a questão histórica passada entre gerações através da oralidade dá existência à construção do conhecimento coletivo e à preservação do mesmo.

O personagem transmite para filha a consciência de que a memória é uma ferramenta que articula a visão que as pessoas constroem sobre os acontecimentos e o espaço. O conhecimento é um dos elementos colocados pelo filme como potência para as resistências sociais. Ele infere também a questão do ofuscamento produzido em um povo durante um contexto de guerra, falando para ela que eles estavam limitados pelos impérios, onde *nossas fronteiras se definem e se redefinem por milhares de anos*.

A localização política e geográfica que animação se propõe retratar é outro fator importante. O filme aborda o contexto de exploração a que os povos asiáticos estão submetidos neste momento histórico. Paralelamente temos o contexto brasileiro, território também submetido às relações de dominação do capital hegemônico.

As mulheres, restringidas de seu andar livre na rua, devem agora não mais chamar *atenção desnecessária*, até seus passos são proibidos de fazer barulho. Sentada com seu pai, na tentativa de comercializar os poucos pertences que tinham, Parvana grita para afastar um cão que investe contra suas peças. Neste momento, seu pai é repreendido por soldados Talibãs que reforçam que o lugar da menina é em casa. Ele pede desculpas e diz que em sua constituição familiar ela a única ajuda com que pode contar.

Quanto a essas restrições, Saffioti desenvolve um estudo que objetiva compreender os mecanismos através dos quais o sexo opera na sociedade de classes, alijando as mulheres da estrutura ocupacional e as restringindo aos trabalhos desempenhados no lar (SAFFIOTI, 1976). Sua pesquisa baseia-se na busca das invariâncias presentes na elaboração social do fator sexo e por isso mostra-se adequada para nos auxiliar na comparação entre a realidade do filme e a realidade brasileira.

O confinamento ao espaço doméstico é evidente na história de Parvana. As mulheres, além de proibidas de andar desacompanhadas, são impedidas de realizar qualquer atividade produtiva no espaço público, seja de prestação de serviços como também de compra e venda de mercadorias.

Quando o pai de Parvana é raptado pelo exército Talibã, a família perde a única pessoa capaz de prover o sustento. A partir deste momento, o enredo se desenvolve ao redor da luta da personagem para recuperar a liberdade de seu pai. Assim, no dia que sucede a prisão, Parvana e a mãe partem na missão de libertá-lo. Em um percurso aflitivo até a prisão, elas acabam sendo pegas, a mãe é agredida fisicamente e então são enviadas imediatamente para casa. Diante dessa realidade, a protagonista se vê obrigada a seguir desafiando as restrições do espaço, como uma das únicas alternativas para sobrevivência de sua família.

A narrativa é fantástica ao transmitir a apreensão de Parvana nas primeiras investidas no espaço proibido e nos leva a vivenciar experiências assombrosas junto a protagonista. A construção do cenário urbano habitado apenas por homens é familiarmente perturbadora.

Parvana vai ao mercado e volta correndo amedrontada. Ela vai buscar água e volta

correndo perseguida. Assim, enquanto espectadoras somos levadas a nos sentir enclausuradas junto à família da personagem, presas a correntes atadas por homens autoritários, que constroem um espaço do qual não fazemos parte, que não nos pertence (Figura 01).

Figura 01: Parvana. Fonte: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-240153/criticas-adorocinema/>



Figura 02: Otesh. Fonte: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-240153/criticas-adorocinema/>

Os homens dominam o espaço que se diz público. Essa apreensão assustadora dos lugares não é estranha a vivência cotidiana das mulheres nas cidades brasileiras. As ruas, que em sua maioria são nomeadas para homenagear homens militares e autoritários, são hostis ao corpo mulher.

Paralelamente a esses desafios, outra possibilidade que se apresenta à família de Parvana é o casamento de suas filhas. Assim como discute (SAFFIOTI, 1976), a mulher mantida à margem da construção social é condicionada a aceitar as normas de submissão ao marido para então encontrar um modo de existência que lhe assegure a posição social e a segurança econômica. Nas condições brasileiras de desigualdade sexual, econômica, racial e social, essa ainda é uma alternativa de sobrevivência para parte das mulheres.

Em resposta a esses condicionamentos, acompanhamos Parvana modificando seu corpo e seu vestuário. Em frente ao espelho ela corta os cabelos e depois veste as roupas do irmão para então performar como um menino. Os primeiros passos, agora como Otesh, são apreensivos e desconfiados. Aos poucos a personagem vai ganhando confiança e conhece uma nova cidade, um mundo novo onde sua presença é legitimada ao mesmo tempo que é tratada de forma menos cordial. A personagem é tomada pela sensação de liberdade e a narrativa é novamente eficaz em nos contagiar com esse sentimento. Somos diretamente atingidas pelo contraste da vivência do homem e da mulher no espaço urbano (Figura 02).

O filme é potente na qualidade de material provocativo de um olhar crítico para as relações que se desenvolvem no espaço público. Exercendo um olhar atento no centro de Pelotas, podemos observar que essa construção da rua como espaço de trabalho masculino é presente e facilmente identificável (Figura 03).



Figura 03: Homens Trabalhando. Fonte: das autoras, 2019.



Pensando na forma como nossa sociedade hegemonicamente se relaciona com o trabalho, vendo este como ferramenta que *dignifica o homem*, o fato observado sobre a presença majoritariamente masculina nas atividades exercidas no espaço público nos dá pistas de que esse, assim como na animação, segue sendo um espaço não legitimado para presença de mulheres.

A presença física no espaço urbano é condicionada pelo sexo, a forma como somos tratadas dita nosso cotidiano e a liberdade que temos de exercer com autonomia nossos corpos e nosso direito à cidade. Essa resenha é um convite, não só para assistir a animação e adentrar-se nos escritos de Saffioti, mas também para exercer o olhar atento na cidade e questionar a forma desigual de apropriação dos espaços.

Referências bibliográficas

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *Mulher na sociedade de classes: o mito e a realidade*. Petrópolis, Vozes, 1976.

A *GANHA-PÃO*. Nora Twomey. Jolie Pas Productions, 2017. Acessado em: 20 dezembro de 2019. Online. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/80217121>